

**EDRO**

VERSOS DE  
VAZ CRA -  
VEIRO-1924

VAZ CRAVEIRO

---



UNIVERSIDADE DE AVEIRO  
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

EDRO  
VERSOS  
bibRIA



UA - SD



156413

Edição da «Tip. Casa Minerva»  
ILHAVO

bibRIA

**bibRIA**

bibRIA

# T A B U A

## LIVRO PRIMEIRO

### A MEU PAI

EDRO—Soneto

LEITORA—Quadras

INVOCAÇÃO—2 sonetos

DESIQUILIBRIO—Soneto

OUTONO—Quadras

O ARRAIS VELHINHO—Quintilhas

## LIVRO SEGUNDO

### DESTINOS

SER DOENTE—3 sonetos

O GRANDE AMOR—Soneto

A TISICA—2 sonetos

AS TRES VELHINEAS—5 sonetos

A AGONIA LENTA—Soneto

FALA AO SOL—Cantico

## LIVRO TERCEIRO

—:—

### AMORES

AMORES—2 sonetos

OFFÉLIA—Cantico

LONGE—Soneto

NATAL D'AMOR—Parelhas

TERMINUS—Soneto

INSONIA - Cantico

ESMOLAR—2 sonetos

TERMINUS—Poema de espuma

## LIVRO QUARTO

—:—

### VERSOS VAGOS

AO MAR—Parelhas

O CRAVO VERMELHO—Soneto

TARDINHA—Soneto

LONGES DE QUIMERA—Quadras

bibRIA

**bibRIA**

«A minh'alma rasgou-a o trágico Desgosto  
Nas silvas do Abandono, à hora do sol posto,  
Já quando o azul começa a diluir-se em astros...

E à beira dum caminho, até lá muito longe  
Como um mendigo só, como um sombrio monge,  
Anda o meu coração em busca dos seus rastos.»

*Fez., de José Duro.*

DO AUTOR:

A entrar no prelo

Ô MALMEQUER AZUL

(Cânticos á Bem-Amada)

PINGOS DE LUAR

(Quadras)

SINFONIAS DA TARDE EM  
VARIOS TONS. À HORA DO  
SOL-POR.

# Primeiros Versos

JUNHO A DEZEMBRO  
DE  
MCMXXII

# bibRIA

*... a obra aí está; e assim como as  
satyras lhe não desluzirão o tom,  
tambem os prólogos lhe não tapa-  
riam as faltas.*

CASTILHO.

bibRIA

E. VAZ CRAVEIRO

---

EDRO  
VERSOS  
bibRIA

VI a XII de MCXXII

Edição da «Tip. Casa Minerva»  
ILHAYO

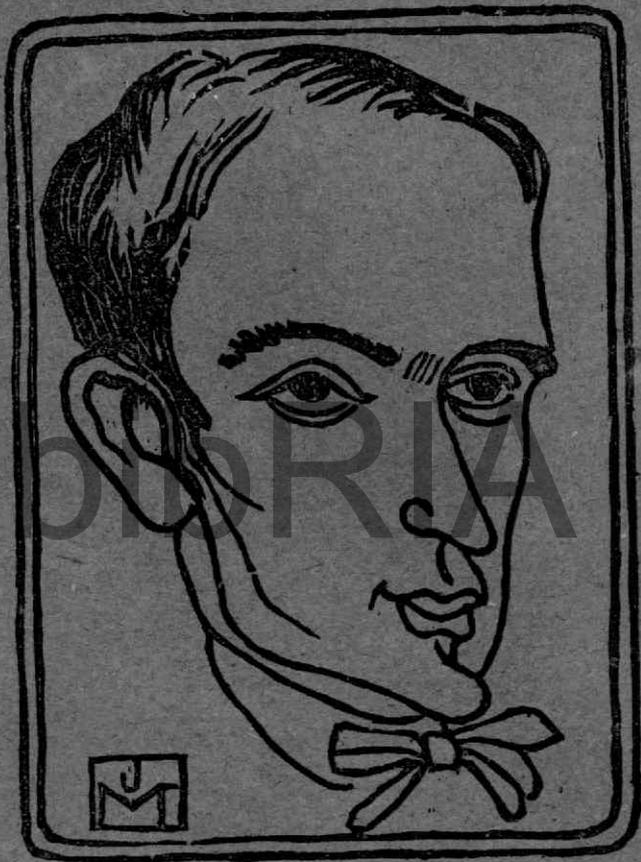
bibRIA

**bibRIA**

bibRIA

FIAT LUX

**bibRIA**



# EDRO

Vi um fantasma, branco como o linho,  
 Na minha secretária a emendar  
 Fôlhas cheias dum grosso pergaminho  
 Onde minh'alma escreve a solução.

Apagou ... escreveu ... e mui baixinho,  
 D'ra que ninguém ouvisse o seu falar,  
 Dôs-se a ler esse enorme pergaminho  
 Que encerrá a minha Dôr, o meu penar.

Eu via aquilo tudo: e num instante  
 Perguntei-lhe:—Quem és, fantasma errante,  
 Que tentas emendar-me o que hei sonhado?

— Eu? Sou o EDRO, aquilo que tu és,  
 Sou a razão de tudo o que não és,  
 O outro Eu de Ti,—o Desgraçado ...

**bibRIA**

Leitora

**bibRIA**

bibRIA



Leitora

# bibRIA

O livro que vos dou—o livro que escrevi,  
E' resumo fiel da Dôr que já senti.

Fiz o primeiro verso numa tarde,  
Ao escutar o toque das trindades,  
Quando o Sol, no Ocaso, todo arde  
A diluir-se em rubros de Saudades...

Era sempre na Hora da tardinha  
Que minh'alma emigrava para o Céu,  
A voar... a voar... qual andorinha  
Que procura, perdida, o ninho seu.

E, quando lá dos longes regressava  
Alquebrada de tanto revoar,  
Sentia que estes versos me ensinava,  
Imagens do meu ser, a soluçar.

bibRIA

Meus pobres versos que escrevi a êsmo,  
Ora longe, ora perto do meu lar,  
Sois a Saudade augusta de mim mesmo,  
Só eu vos poderei acarinhar...

Como eu ficava quando, ao vir do campo,  
Escutava as ceifeiras, a cantar!...  
Entristecia logo, por encanto,  
E, num murmúrio, punha-me a rezar.

Rezava a quem? Porque? Nem eu sabia  
A molestia, ou o Mal que me minava.  
Ouvi chamar-lhe—horror—! neurastenia...  
E puz-me a rir, a rir, . . . á gargalhada.

E ri de tudo, e fiz-me inconsciente  
Pois só vivi nos versos que aí vão.  
São tristes?— Eu bem sei— são dum doente  
Que sofre, por amor, do coração.

bibRIA

.....

Foi ha pouco que tudo se passou,  
No meu peito roído p'lo sofrer...  
A Morte não me quiz, não me levou;  
E é tão bom, oh, meu Deus, amar... viver!

A vida é boa, sim, mas é melhor  
*Partir* do que viver numa agonia.  
Mas... haverá no Além uma outra Dôr?  
*Lá*, quem teremos nós por companhia?

Tudo finda ao voltar à Terra-Mãe,  
Ou voga a alma, eterna no Universo?  
Mistério como a Vida que eu sonhei,  
Ao sentir dentro em mim brotar um verso.

bibRIA

Porisso o que vos dou, o livro que escrevi,  
E' resumo fiel da Dôr que já senti.

ILHAVO—Janeiro/923.

L I V R O

I

**A MEU PAI**

O MEU MELHOR AMIGO—COMO  
DE ETERNA GRATIDÃO Á  
SUA AMIZADE, O  
PRIMEIRO LIVRO  
DO SEU

*EDUARDO*

**bibRIA**

Invocação

**bibRIA**

bibRIA



## Invocação

Senhor dos Navegantes — um romeiro  
Um náufrago da Vida, num tormento  
Vem entregar-te, humilde, mas inteiro  
O coração de crença, em sofrimento.

Foi quebrado, o dourado e altaneiro  
Navio em que morreu meu Pensamento.  
Desdêm da Morte, heroico; o timoneiro  
Vogava sem conforto e sem alento.

Senhor dos Navegantes, ! tem piedade  
Dá-me sossêgo e paz à Mocidade,  
E a barca em que vogou minha Ilusão.

Deixai, Senhor... vogar em tarde mansa  
Nas ondas revoltosas da Esperança,  
De minh'alma — o dourado galeão.

bibRIA

II

Senhor dos Navegantes: um romeiro,  
Um louco — olhai-o assim — um desgraçado,  
No mar da Vida rola naufragado,  
Perdido na Quimera o seu roteiro.

Olhai-o: é EDRO — o doido cavaleiro  
Da Ilusão. Como corre á desfilada!  
Cavalga o Pensamento, o Espaço inteiro  
No corcel da minh'alma torturada.

Um mísero, Senhor, que de mãos postas  
Resvala a sua crença nas encostas  
Da Dúvida, que tem no peito seu.

Se tu existes, Deus, serei cristão,  
Mas sossega meu pobre coração,  
E leva-o em seguida para o Ceu.

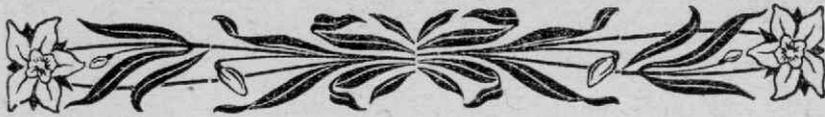
bibRIA



Desiquilibrio

bibRIA

bibRIA



## Desiquilibrio

Meus pensamentos vagos, que voando  
Correis loucas paragens, sem ter meta,  
Onde ides, fados meus?! que assim passando  
Me dizeis a sonhar ser eu poeta?

Ides, alem, aos terminus dourados,  
De Saúde à minh'alma que morreu?  
Ou voais para os sonhos sepultados  
Da imagem do que fui... e não sou eu?

Em vão lhes invoquei o meu destino  
Correndo vãos lugares, tudo a êsmo,  
Até que ouvi dizer como num hino:

Olha: —o Sol, já de rubro tinge a alfombra  
E o pálido reflexo de ti mesmo,  
Vamos, errantes, procurar na sombra.

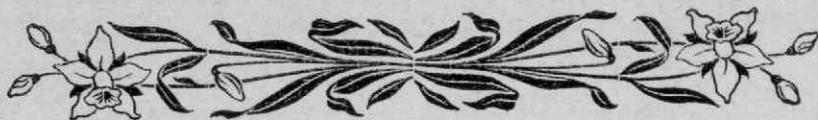
bibRIA



Outono

**bibRIA**

bibRIA



## Outono

bibRIA

Outono, folhas tombadas,  
Amarelas, resequidas  
Como Ilusões desfolhadas,  
Nas almas, vagas, perdidas.

Outono! o vento a gemer,  
Erra, ao longe, nos casais,  
Tristonho, sempre a dizer  
Um adeus aos pinheirais.

Vento de Outono: és perfume  
A relembrar-me os teus beijos,  
Numa saúde que é lume,  
Fogo eterno de desejos.

Outono, o vento a chorar  
Erra, ao longe, nos casais...  
O Sol mórre no Mar,  
Choram por ele os pinhais.

bibRIA



o Arrais  
Velhinho

Á LEMBRANÇA DE MEU AVO VAZ  
QUE ME EMBALAVA O SONO  
QUANDO EU ERA PEQUE-  
NINO, COM CANTIGAS  
QUE SÓ SABEM OS  
VELHOS MARI-  
NHEIROS.

== a MEU PADRINHO ==

**bibRIA**



## o Arrais Velhinho

**bibRIA**

Ceu de agosto. A' tardinha junto ao Oceano  
e sentado na areia, um velho, de  
longas barbas, concertando  
a rêde, canta :

Doida mocidade, que tão longe vais,  
Fala-me baixinho, vem-te recordar. . .  
Ai ha quanto tempo que não sou arrais!

Doida mocidade, que tão longe vais,  
Fala-me baixinho. . . vem-te recordar.

O que eu era dantes, . . . como agora sou! . . .  
Como os anos correm sem nunca parar!  
Oh! . . . o ser-se velho! . . . ver que já passou,  
O tempo dos sonhos onde o amor reinou . . .  
Que tristeza enorme!

Deixem-me chorar.

O Oceano

Sonhos desse tempo; falem-lhe baixinho,  
Muito de mansinho, como que a rezar . . .  
O' arrais antigo, tu não és velhinho,  
Vá, olha o teu Mar . . . Não vês? é teu padrinho.  
Sobe para o barco, vou-te abençoar.

O Velho

Eu bem te conheço, já me não enganas,  
Desde criancinha oiço o teu falar . . .

O Oceano

Desde criancinha! . . .

Já me não enganas!!!

Ah, meu pobre amigo: tu já me não amas,

Tu já esqueceste o teu amigo—o Mar. . .

Enfiando a agulha, o velho vai cantando :

Oceano amigo, não me fales manso

Que tu nada fazes com o teu falar. .

Já sou um velhinho, resta-me o descanso

Meu velho Oceano, não me fales manso,

Que de nada vale, quero descansar.

Recolhendo a rêde, um pescador

de camisola verde, canta

tambem :

O' que vida boa, ter-se como os meus,

Vinte estios quentes, cheios de vigor!

O Velho

Tem-se sonhos lindos, puros como os ceus  
Onde a alma sobe mendigando a Deus,  
Que nos dê na Terra, branco lar d'amor.  
Mas passado tempo, morre a fantasia,  
Tudo fica triste de desilusão . . .

O Pescador

De que vale a Vida sem a fantasia,  
Sem haver no peito — meiga companhia —  
A Saudade e Esp'rança, junto ao coração?

Ter-se na ideia, que nos casaremos  
Com uma moçoila, muito nossa amiga!

O velho curvando a cabeça  
cheio de saúde:

Já passei por tudo: ! Ceus! o que dizemos

Nas noites sem sono! Ai! o que nós fizemos!  
Doce juventude: passas de corrida...

Inda ás vezes lembro tudo o que passei  
Nessa minha breve, doida mocidade...  
Quantas bôcas lindas, por amor, beijei!  
Quantas dores d'alma, por amor, curei!...  
Se me lembro delas...  
Que cruel saüdade!

bibRIA

O pescador, agora mais perto,  
dando um nó na corda:

Mas se és um velhinho, tu já te esqueceste  
Do sabor que todas essas coisas têm.  
Já te sonha a mente na visão celeste.

O velho, pensativo, olhando os flocos  
de espuma que sóbem  
praia arriba:

Mas sinto a Saüdade, como um vento agreste.

O pescador, recolhendo  
a rêde :

Saüdade de velho que sabor que tem?

Cheio de tristeza, o velhinho mal  
trabalha e diz como  
a sonhar:

Doida mocidade, que te vais tão longe,  
Fala-me baixinho, para te chorar...

O pescador, de rêde ao ombro,  
a caminho já!

O' arrais velhinho, branco como um monge:  
Vossa mocidade já se vai tão longe...  
P'ra que a recordais? Adeus... Vou-me a pescar.

Maré cheia. As ondas vem subindo e em ressal-  
tos brancos de escumilha, beijam na praia  
já erma as alvissimas barbas do ve-  
lhinho que, absorto, parára  
de todo a rêde.

O Oceano, em melopeia  
sonhante :

Ai aquele tempo, que lá vai há tanto,  
Quando, pelo estio, vinhas-te embrulhar  
Nestas abas finas, de meu verde manto!  
Quando manhã cêdo erguias o teu canto:  
—Leva arriba... gentes! vamos para o mar.—

Como envelhecemos, como nós mudámos!  
Eu, que era bravo, sinto-me amansar.  
O que nós sofremos, o que nós sonhámos!...  
Quanto sonhos mortos, ambos desfolhámos  
Sob noites lindas,... brancas de luar...

Tardinha: O Sol, como um mendigo alquebrado,  
esmolando socorro no Ocaso, vai deixando  
nos céus tens pálidos de síncope amo-  
rosa; bandos de gaivotas esguias  
piam, piam.. num grande  
adeus ao Sol, que mor-  
rêra, alem, beijan-  
do o mar.

bibRIA

LIVRO  
II

DESTINOS  
BIBLIA

Para o  
JOSÈ CANDIDO

**bibRIA**

Ser doente

**bibRIA**

bibRIA



## Ser doente

bibRIA

E' tão triste ser doente,  
Vêr a Morte a caminhar  
De foice, fera e inclemente  
Pronta a ferir . . . a levar,

Enquanto a vida se sente  
Lá fóra, na Luz, no Ar,  
No céu azul-transparente  
Cheio de Sol, a brilhar!

Só eu aqui no meu leito  
Com tantas dôres no peito,  
Tão triste, sempre a tossir...

Vem depressa, ó Morte querida,  
Dá-me em teu seio guarida,  
Tenho pressa de partir.

bibRIA

II

bibRIA

Já tenho a voz toda rouca,  
Já mal se entende o falar.

Mais sangue? . . . Mais, pela boca,  
Tão quente: rubro, a saltar.

A Vida, em mim, é tão pouca,  
E custa tanto a findar!  
O' Morte: corres tão louca,  
Que não me vês ao passar.

.....

Tão magrinho, aqui, no leito,  
Vivendo, do mundo, absorto  
Salta-me o sangue do peito.

Neste viver aflitivo  
Já todo eu sou um morto,  
Só tenho o coração vivo.

bibRIA

III

bibRIA

Que tristeza o ser doente,  
O estio morno passar  
Inteiro, aqui a chorar  
Na cama: . . . e ouvir meigamente

De passagem, ao voltar  
(Quando o Sol vai no Poente)  
O rir alegre e contente  
Das moças a namorar!

... Ouvir os cantos sonoros  
A contrastar aos meus choros,  
Da «malta», p'lo campo além!

O' Morte : vai, quero Vida,  
Pede a Deus que me dê Vida,  
Reza por mim, minha Mãe.

bibRIA



○  
Grande Amôr  
bibRIA

bibRIA



## O grande amor

bibRIA

Encosta, junto á minha, a sua boca  
Num beijo grande, enorme, sensual...  
E aos meus braços se lança, semi-louca,  
Num prazer de luxúria, sem igual.

Eu bem sinto que a Vida se me apouca,  
Que o seu amor me agrava mais o Mal,  
Este mal que me torna a voz tão rouca,  
E o respirar custoso... desigual!

Mas... se, às vezes, me finjo adormecido  
No divan do seu corpo, poluído,  
Confunde com o meu, seu respirar...

... Depois... faço que acordo, e vou dizer  
Que não... E Ela, meu Deus, a soluçar  
Num grande beijo:—Sim, que é p'ra morrer...

bib**R**IA

## A Tísica

Todas as tardes passava para casa, Ela, a costureirinha de inquietas pupilas misteriosas. — Morava ali, mesmo ao fundo da rua, numa casita branca, de janela verde, onde, em noites luarentas de Julho, eu a via debruçada (quantas vezes!!) altas horas da noite, olhando as estrêlas nos céus. Scismava? — Seria em quê ?

.....

Passaram as férias, Outubro vai adolescente já, as nuvens tor-  
nam-se roixas... as fôlhas tombam como sonhos mortos,  
... e, nunca mais da minha porta eu tornei a ver  
passar o seu vulto esguio, tocado da melancolia  
das rosas... Nunca mais! nunca mais!...

Ao inverso, sou eu quem agora passo  
á porta d'Ela, para, através da ja-  
nelita verde, olhar o seu ros-  
to branco duma palidez  
de morta. Que lin-  
dos olhos que  
tem!

.....  
Nunca mais os seus cabelos revoltos  
como labaredas d'oiro passarão à  
minha porta, pois... agora  
mesmo — oh sombra de  
Outono!! — Ouvi  
dizer: — Morreu!



## A tísica

Quem a fôr vêr, tão triste e tão magrinha  
Na cadeira de braços, encostada,  
Dirá p'ra si: meu Deus, a pobresinha  
Tem a Vida num fio, é quasi nada.

De esguia... até parece uma andorinha  
Tambem de negras vestes embrulhada!...  
Quem sabe? a sua alma doentinha  
Irá aos céus, e volta em revoada?!

Há um ano que ali ficou inválida  
E de linda que foi, tornou-se pálida  
D'olhos pisados, roxos de chorar. . .

Mas ninguém sabe a causa da mudança,  
Que definhou assim essa criança,  
Que tosse, todo o dia, sem cessar. . .

bibRIA

bibRIA  
Ei-la: amarela e triste como os círios,  
De finas mãos cruzadas sobre o seio,  
Parece vai rezando em devaneio,  
Longo rosário feito de delírios.

Enfeitado o caixão de brancos lírios,  
Ninguém a chora, todos têm receio.  
Não vá ela acordar daquele enleio  
E tornar a sofrer novos martírios.

Vai a dormir? Deixai-a... vai contente...  
Ninguem a acorde, não, tomai cautela!  
Dêse sonho da morte lenitente...

... E' noite já. Os círios esmorecendo  
Deixam ver ao Luar, igual a Ela,  
As lágrimas que a Lua vai vertendo.

bib  RIA

as  
Três Velhinhas

bibRIA

“ Todas as tardes, à hora elegiaca em que pelo ceu  
se desfolham os jardins suspensos do poen-  
te, veem sentar-se as três velhi-  
nhas á beira-mar... »

*J. de Montalvão.*

**bibRIA**



## As três velhinhas

A' Hora em que no céu vai o Poente  
Lá vão, as três velhinhas a sentar  
Sobre a areia, que o Sol tornara quente,  
Ou nos rochedos velhos, junto ao Mar.

Todas têm a figura, reverente,  
De avozinhas que fiam ao luar. . .  
O' almas de velhinhas, já dormentes,  
Que mistério vos leva para o Mar?

Tropeçando, encostadas ao bordão,  
Que sentir tereis vós no coração  
Que á Tarde, vos obriga a ir á praia?

... E as ondas como freiras a rezar  
Beijando-as com espuma de cambraia  
Juntam ao choro d'Elas, ... o do Mar.

bibRIA

II

Na sua infância, o Mar, foi companheiro.  
Crescidas... ensinou-lhes a rezar  
Esse sonho, chamado amor primeiro,  
A' luz serena e triste do Luar.

Depois, quando já noivas... traiçoeiro  
(De ciúmes? talvez) fez sepultar  
Com a rudeza heróica do coveiro,  
Quem êsse amor lhes fôra disputar.

Mas agora, que velhas, Ele vem  
Como um velho, êsse Sol tomar também,  
Sob o vago da luz, agonizante...

Quem sabe lá?! até?! Se o triste Mar  
Lhes vem, àquela Hora, recordar  
A mocidade morta... tão distante!

bibRIA

III

Tinha sido a mais velha fiandeira  
Tecendo o linho, branco de luar.  
E tão linda Ela foi que, a feiticeira  
Lhe chamavam, os moços do lugar.

Seria Ela feliz? — Teve lareira  
E filhos que cresceram e noivaram.  
Mas numa tarde... linda e traiçoeira,  
Eles foram p'ra o Mar... e não voltaram!

Vieram, sim, depois, desfigurados,  
P'la Morte unidos, roxos, abraçados  
Com os bentos ainda sôbre o peito!

Os cravos, no canteiro, então morreram,  
E aqueles que, solteira, a conheceram,  
Dando-lhe esmola, guardam-lhe respeito.

bibRIA

IV

bibRIA

E a segunda velhinha foi perdida,  
Calcada p'lo destino,—que cruel!  
Amara um marinheiro... deu-lhe a Vida,  
... E, há muito que partira o seu batel!...

Então, só tendo a areia por guarida,  
E a fome, a companheira mais fiel,  
Vendeu a carne fresca, não lasciva,  
Baixando ao lupanar como laurel.

Mas agora que os dentes lhe tombaram  
E as rugas pelas faces caminharam,  
Ninguem a quer!... esmola semi-nua...

E à Tarde, quando o Sol vai a tombar,  
Ela vem tropeçando pela rua,  
P'ra sentar-se, chorosa, junto ao Mar.

bibRIA

V

E tu, velhinha triste! o que terás  
Na alma, que te faz sonhar talvez?  
Que mágoa tens, tão grande, que te traz  
O dorso recurvado para os pés?

Que Dor será, Senhor, que assim lhe faz  
O olhar tão vago, e o rosto em lividez?  
Que saúde, no peito, sentirás,  
Que te iguala à esfinge de mudez?

E a velhinha, dolente como o Mar,  
Voltando o rosto, alem, para o Poente  
Disse assim, numa voz quasi a expirar:

Escuta, velho Oceano!—a minha Dor  
Vou dizer-t'A. Serás meu confidente:  
A mim—nunca ninguem me teve amor!...

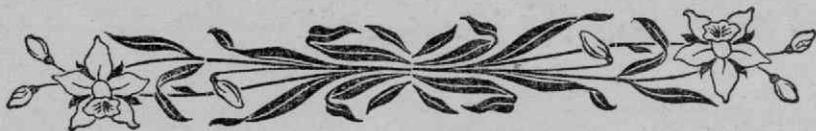
bibRIA



*Agonia lenta*

**bibRIA**

**bibRIA**



## Agonia lenta

Sinto-me fraco, triste, tão doente,  
E vejo a Morte ali, na cabeceira,  
Nua, como se fôsse uma rameira  
Embriagada, a rir-se de demente.

Eu tentei afastar aquela obreira,  
De face amarelada, repelente :  
E Ela ficou a rir, sinistramente,  
Indo sentar-se além, numa cadeira.

Poisada a foice, abriu os secos braços;  
Afasta o manto, avança... dá dois passos  
E olhou-me bem. Depois, fulminadora,

Erguendo a dextra, diz:— O' desgraçado  
O Odio que me tens, será vingado.—  
Virou-me as costas... riu... e foi-se embora!

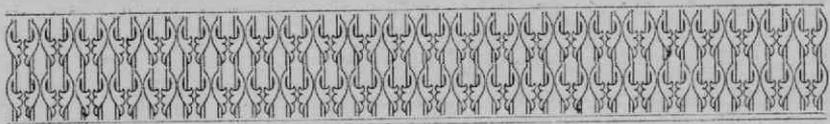
bibRIA



Fala ao Sol

**bibRIA**

**bibRIA**



## Fala ao Sol

Em mês de Agosto. O Sol beija nas eiras  
O trigo loiro.  
Sob o céu lindo, cantam as ceifeiras  
Endémicas canções de feiticeiras,  
Como um tesoiro!

Sol de Agosto! tão quente, tão sadio!  
Como eu te adoro!  
Ao despertar's, a rir, levas-me o frio,  
E quando vens a ver-me... até me rio  
E já não choro!  
E já não choro!

Sol de Agosto —tão quente! és meu amigo?  
Serás... não sei...  
Mas então diz'-me, Sol, se és meu amigo,  
Se poderei contar sempre contigo...  
Diz': Poderei?

Sol de Agosto que doiras os trigais,  
Como és feliz!  
Que dirás tu beijando os hospitaís?  
Não dizes só a mim porque lá vais?  
Anda... vá... diz'.

Quando vais a morrer por sôbre o Mar  
Que sentirás?  
Quando o beijas, tu deixas-me a chorar,  
E o corpo todo em frio a tiritar...  
Sol! não te vás...

Não tens saüdades lá das cotovias?  
E das rolinhas?  
Quando vais, elas cantam melodias  
Tão tristes! que se ouvisses, só farias  
Só, as tardinhas...

Velho Sol, como o Mar meu confidente,  
Espera um pouco;  
Fala mais um instante ao teu doente  
Que te quer num amor sempre crescente,  
Enorme, louco!

Já te contei a última aventura?  
Ai que beleza!  
Sonhava que deixei a vida escura,  
Que dormia na paz da sepultura,  
E que a tristeza

Comigo, de repente, se findou,  
Na Terra-Mãe.  
E assim sonhava, alegre, quando entrou  
P'la janela o teu beijo e me levou  
O que sonhei...

Vê tu que lindo sonho me roubaste,  
Sonhar de estrêlas!  
E' tão bom o sonhar... e despertaste  
Tão cedo, o teu amigo e o deixaste,  
Sem poder vê-las!

Eu gosto tanto, tanto, das estrêlas!  
Quem é que as mata?  
Se visses de manhã o chôro delas  
Quando ao pintar da Aurora, em aguarelas,  
O céu de prata!

Certa noite, uma vez, vi-as chorar.

— Tu nunca as viste?

Que noite aquela, linda, de luar

Quando eu ao meu Amor, lhe fui cantar

Um fado triste!

Mas Tu que tens? Não ris? 'Stás descontente?

Tu tens ciúme?

Eu gosto delas, sim, ingenuamente,

Mas dos teus raios mais: pois certamente,

Se me dão lume...

Ai! já começa, Sol, a carminar.

Meu grande amigo!

Olha o Poente!... vem p'ra te buscar?

Tu vais? Dize, que eu vou-te acompanhar,

Quero ir contigo.

Meu querido Sol, não morras, tem cautela,  
Olha por mim!  
Pois quem há-de aquecer esta janela,  
Se tu faltares, quem? lembrar-te-hás dela?  
Tambem de mim?

Tão vermelho! que tens? Vais a chorar?

Ai! lá morreu!

Lá morreu afogado o Sol no Mar!!!

Por ti um Padre-Nosso vou rezar,

Ao Pai do Céu.

.....  
Meu coração reza, reza,  
Padre-Nosso, Avé-Maria:  
Coração ora à tristeza...  
.....

E' Noite, morreu o Dia!!!

LIVRO  
III

AMORES  
DIPORIA

**bibRIA**

*Amores*

**bibRIA**

**bibRIA**



## Amores

bibRIA

Como o gemer do vento, vago e triste,  
Eu tenho no meu peito um grande amor  
Que entristece a minh'alma já tão triste,  
Envolvendo-a num pávido temor.

E' tão grande êsse mal, que nele existe  
A morte do meu ser... e o teu sabor,  
O' mocidade alegre, que ruíste,  
Deixando-me enlutado em Dor!...

Assim eu vou bebendo o amargo fel  
Da vida que me deste, tão cruel,  
O' Alva linda, «Gemea do Luar»! . . .

E adorando-te sempre com carinho,  
Darás então esmola ao pobrezinho  
Que mendiga, sómente, o teu olhar?

bibRIA

Olha-me, pois, o' Luz, que iluminaste  
Meus sonhos, nesse bem que não se alcança:  
Dá, meu Amor, esmola a quem roubaste  
A desmaiada flor da minha Esp'rança.

Eu sou aquele pobre a quem trocaste  
O Riso na Tristeza. . . e por lembrança  
A Mágoa na minh'alma tu deixaste,  
O' luz bendita, — olhar sem semelhança!

E agora vou vivendo a soluçar  
As mágoas desoladas desse olhar  
Que me deixaste, Ingrata, e que eu aceito.

Mas há-de amar-te, crê, eternamente  
Meu coração tão triste e tão doente,  
Até que a Morte o pare no meu peito.

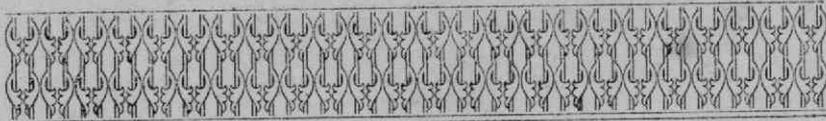
bib**RIA**



Ofélia

**bibRIA**

**bibRIA**



## Ofélia

Pelo rio, entre os salgueiros,  
Ofélia vai a boiar.  
Os astros, seus escudeiros,  
'Stão brancos como o luar.

A noite é linda, é branca de tristeza.

A Natureza,  
Muda, sente e chora,  
Nesse Silêncio augusto de quem ora.

O latejar das seivas também reza,  
Num murmurar eterno de tristeza.

As águas correm, lentas, de mansinho,  
Não vá Ela acordar pelo caminho.

E Ofélia vai, tranquila, na corrente,  
Como quem dorme e sonha mansamente!

São tão lindos, ! tão alvos seus vestidos...  
Que dir-se-hia, ao luar, foram tecidos

Por mão de fada em doce primavera,  
Nalguma noite triste de quimera!

Morreu a pobrezinha,  
Coitadinha,  
E vai tão linda  
Boiando na corrente,  
Que a Natureza muda, sente e chora,  
Numa saüdade infinda,  
Num augusto silencio de quem ora!...

E até a Lua triste, lá no Céu,  
—Foi de chorar por Ela, certamente,—  
Tornou-se mais branquinha, e de repente,  
—Como se freira fôsse, a caminhar  
Entre claustros de nuvens em cinzento—  
Num momento,  
Mostrando o pranto seu,  
Em chuva de Luar,  
Disse a perguntar:  
—Aonde vais  
Nos salgueirais,  
Ofélia pura?!

Os astros, seus escudeiros:

—Vai a noivar,  
Porque vai p'rá sepultura.

.....

Dentre as áleas antigas do jardim,  
Vagabundo na Sombra, alucinante,  
Vem num riso hediondo, sem ter fim,  
Um riso de loucura, soluçante...

E' Hamlet que se queixa. O pobrezinho,  
Qual ave errante que perdeu o ninho,  
Vem, sinistro, dormir por sob as faias,  
Essas aias,  
Que na infância Ofélia acalentaram.

E no seu porte esguio a baloiçar  
Quais espectros, os sonhos que murcharam,  
Na voz das faias, sentem-se chorar!...

Depois, a Via-Láctea, além, no Céu,  
De flocos brancos — rosas p'ra noivados —  
Vem lembrar-lhe, em sonhos luarizados,  
Que a sua noiva linda lhe morreu!

Agora é a Saüdade sempre agreste  
A falar numa voz quási celeste,  
Dos beijos que trocaram, ao luar!...

Então acorda, escuta... vê a Ausência...  
E ri depois num riso de demência,  
Que o Silencio da Noite vem quebrar!...

Por isso, dentre as áleas do jardim,  
Como errante na Sombra, alucinante,  
Vem um riso hediondo, sem ter fim,  
Um riso de loucura, soluçante...

.....

Há tanto que estas coisas são passadas...  
Mas... quando eu oiço o vento ás gargalhadas,  
A chorar ou a rir, no meu quintal,  
Qual outro espectro d'Hamlet, soluçante,  
No rio da minh'alma, agonizante,  
Vou procurar-te, Ofélia do meu mal.

E então, sem eu conhecer  
O motivo por que choro,  
Sinto lágrimas verter  
—As águas dêsse rio—que num côro,  
A' minh'alma tristonha vêm dizer:  
Se amar sem ser amado é muito triste  
Mais triste foi o amor de quem sofreu.  
Mas amar sem Es'prança... 'inda é mais triste!...

E eu que te adorei tanto... e tu fugiste,  
Morrendo-me no peito esta ilusão!...

Nada me resta, mais, do que a Paixão,  
No coração  
Que por ti tanto sofreu.  
Felicidade?! virá naquele dia,  
Em que ouvirás dizer:—o teu amor,  
De Dor  
Enlouqueceu!

bibRIA



Longe

bibRIA

bibRIA



## Longe

Sinto Saüdades de falar contigo,  
Não sei se de te ouvir, se de te vêr.  
Nem mesmo se elas são de que eu te digo;  
Contudo são Saüdades de morrer...

Dizes sempre, ao falar-me:—E's meu amigo?  
—Pois sou, atalho eu logo a responder.  
Então vou-te contar... oh, não não o digo.  
Sinto vergonha?!—Sim, de t'o dizer...

E fico arreliado muito tempo,  
Não digo nada—fala o Pensamento—  
Até que te resolves a contar.

E, ao dizeres, depois, minha andorinha!  
Colas de amor a tua bôca à minha  
E...: Que Saüdade, aqui, do teu falar!!!

bibRIA



Natal  
de  
Amor

bibRIA

bibRIA



## Natal de amor

Passámos este dia sem um beijo,  
—E quantos? meu amor, de ti desejo!

Mais um dia que passo sem colar  
A minha bôca à tua, sem beijar

Esses teus olhos, lindos e enganosos,  
Olhos de amor, de Sonho, mist'riosos!

Que mágoa tenho, aqui no coração!  
Não calculas, Amor, quanta paixão

Tenho no peito meu para te dar  
Em mil beijos de fogo, a murmurar

— A' tua bôca linda e carminada,  
O sentir da minh'alma apaixonada.

Mas não saíste... então o que seria?  
Porque não vieste hoje? Que arreliá!...

E eu a esperar por tí baldadamente...  
Não tens saudades, não? E's indif'rente?

Oh! não, não és, eu sei, eu bem o sinto;  
Quando 'stás junto a mim, quasi pressinto  
A' tua alma dizer que também amas,  
Que eleito dêsse amor hoje me chamas,

Nesses beijos como ontem tresloucados,  
Beijos de amor, tão grandes! demorados,

Que me deram, crê tu, a sensação  
De te sentir, Amor, no coração!

Por êles, esta noite, que rezava,  
'Stive sonhando e ao meigo Deus rogava

Que sempre te guiasse no caminho  
Do nosso Amor, que nunca um só espinho

A nós mandasse; e a nossa mocidade  
Corra alegre, feliz, p'ra ter saúde,

Quando, unidos na Vida, mui velhinhos  
A' lareira, ensinarmos os netinhos

A amar também. Vê tu que bom seria  
Vermos chegar, alegres, esse dia

Em que tu, já de branca cabeleira  
Irás lembrando, ao canto da lareira

( Enquanto em tuas mãos encarquilhadas  
Fôres passando as contas desbotadas )

Irás lembrando, sim, como a sonhar  
O que foi este alegre perpassar,

Do nosso amor, da nossa Mocidade!  
Ai que bom foi, meu Deus! . . . oh que Saudade!

E assim nós falaremos, a lembrar  
O tempo que se foi — p'ra não voltar,

Enquanto eu, muito mais velhinho, — então,  
Ao sentir-te pulsar o coração

Cheio de amor, triste, invocando o tempo,  
O tempo que morreu, sinta um momento

A saüdade dum beijo demorado,  
E, tremendo, amparando-me ao cajado,  
Caminhe para ti (que, sorridente,  
Deixas cair as contas). — E em repente,

Sem sabermos ao certo o que fazemos,  
Num grande beijo então assim diremos:

— Que felizes nós fômos nesse Amor,  
Que não vimôs Ciúme nem a Dor. —



Terminus

bibRIA

bibRIA



## Terminus

bibRIA  
Chegou a hora de dizer-te adeus,  
Porque tudo entre nós fica acabado.  
Levo saüdades, crê, dos olhos teus,  
E desses lábios rubros, carminados.

Saüdades levo, sim, dos olhos teus,  
Mas muitas mais dos beijos demorados  
Que tu me deste, Amor, nos lábios meus,  
Beijos quentes, de fogo, apaixonados!

E pensar eu que fico sem te ver,  
Sem os teus lábios rubros, a dizer:  
—Dás-me um beijinho, dás, por caridade?—

Que vácuo vou sentir no coração!  
Mas se tu quer's, . . . pois bem: adeus então.  
. . . Irei beijar-te, sim, mas na saúde.

bib**RIA**



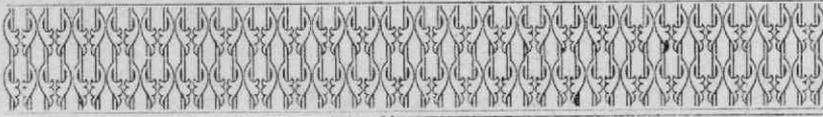
# Insonia

... e julguei que havias morrido, meu Amor.

Felizmente tudo foi um sonho e a  
tua cabecita loira ainda...

biblioteca

bibRIA



## Insonia

As tuas faces, brancas, de luar  
São como a neve.  
Ao ve-las, a minh'alma vai rezar  
Pedindo a Deus, por ti, a soluçar,  
Que te não leve.

E reza a toda a hora que te vê  
E chora,  
Chora baixinho sem saber porquê.

Ainda ontem, à noite, quando entrei  
Na tua alcova quente e perfumada,

— Sómente alumiada  
Dum fiozinho de luz—  
Quando entrei  
E te vi...  
Jesus!  
O que eu senti, ó Deus, o que eu senti!  
Ao ver-te branca, lívida, de círio,  
Julguei que tu morreras, meu Amor!  
E foi tão grande, sim, a minha dor,  
E tal foi o meu delírio  
Na mágoa que antevi  
Por ti,  
Que, quasi alucinado  
Por essa dor enorme,  
— Imagina!... sem lágrimas verter  
Ao coração  
Então,  
Ouvi dizer:  
— Dorme, criança... dorme...  
Mas vais? eu vou também,  
Sou teu amigo  
Quero a sorrir partir, sonhar contigo  
Nessa vaga de sonho por o Alem...

E quando o corpo teu ao meu unia  
E a tua boca à minha bem colava  
Para abalarmos unidos,  
Senti?  
Ouvi?  
Sonhei?  
Não sei,  
Dizias em gemidos, mal se ouvia  
Numa voz toda em sonho, de agonia,  
Estas frases que guardo na memória  
Como se fôra uma primeira história:

— Não fiques triste: adeus, ou vou partir  
Vou p'ra o Céu, oiço os anjos a cantar...  
Sou tão magrinha!... sinto-me subir...  
Olha... olha... não vês?!... vou a voar.

Não venhas tu. A Deus irei pedir  
Que te socegue o doido imaginar.  
E se Ele é bom, de certo, vai-me ouvir  
Nas preces que por tí lhe vou rezar...

Fica. Vou só. Ha muito estava escrito  
— Cheguei a ler no livro do Infinito,  
Que, ao desfolhar do Outono, eu morreria — ...

E vou contente. Vês?! 'stão-me a chamar,  
Já oiço os anjos louros a cantar  
Em harpas de Saúde... que harmonia!... —

E disseste, e a sonhar  
Um beijo tu me deste...  
Quando partiste.

Acordo, sufocado,  
Ansioso de abraçar  
Contra o meu peito a tua fronte linda,  
Pálida e triste.

Que saúde! oh! que saúde infinda  
De ti, do teu olhar, quando acordei  
E tão só, tão sózinho me encontrei!

... Sentia o vento entrar-me p'la janela  
Tinha no quarto a luz da Lua-cheia,  
Ardera até ao fim a minha vela.

Que pesadelo tive!? esperto, ... ouvi  
As cinco da manhã. E' quasi dia!!  
O que foi? não sei bem : adormeci  
Ao ler o coração na Anatomia.

bib  RIA

**bibRIA**

Èsmolar

bibRIA

bibRIA



## Esmolar

**bibRIA**  
Aos teus olhos, os meus, antigamente,  
Foram pedir esmola: recusaste.  
Depois... passei por ti casualmente,  
E sem saber porquê, p'ra mim olhaste.

Fundiram-se num só, lânguidamente  
Os corações. Amei: mero contraste!  
O meu p'ra ti voou eternamente,  
E tu? cruel dizer!: nunca o sonhaste.

Já vai passado um ano e nesta Hora,  
Minh'alma apaixonada sente, e chora,  
O eterno recordar da imagem tua.

Á's vezes... julgo vê-la, num momento,  
Voando em espirais, no pensamento,  
P'ra me beijar's, Amor, á luz da Lua.

bibRIA

II

VENHO PEDIR, SENHORA, HUMILDEMENTE,  
PERDÃO DE VOS AMAR... COMO SONHEI:  
JULGUEI QUE VOS MER'CIA E LOUCAMENTE,  
P'RA VÓS MEU CORAÇÃO VOAR DEIXEI!

CORRIA O MÊS DE JULHO, ALEGRE E QUENTE,  
QUANDO ESSA CARTA—ESMOLA—EU VOS MANDEI...  
AI! QUE SAÜDADES DESSE AMOR INGENTE,  
QUE TEVE EM RECOMPENSA... O TEU DESDÊM.

Oh! como vejo ainda o vosso olhar  
Que me fitava, a rir e a perguntar  
Se era verdade ou não o seu amor!!

Ha tanto tempo já... e as saüdades  
Arrojam aos meus lábios tempestades,  
Aonde eu bebo o fel da minha Dor.

bib**R**IA



Terminus

bibRIA

**bibRIA**



## Terminus

Aí te envio as cartas que escreveste,  
Mais o retrato, grande, que me deste.  
Elas vão todas,  
E poderás fazer as tuas bôdas,  
Que jámais alguém as leu...

Até eu,  
Imagina!!!  
Não me atrevi a ler, uma que fôsse!

Não sabias? Receei,  
Pois julguei,  
Que o meu imaginar triste e doente,

Ao ler a tua prosa meiga e doce,  
Recordasse o passado, e... de repente  
— Longe vá a sina!—  
Ficasse novamente emmaranhado  
Nesse arminho, de meigo fraseado.  
Falso... mas bem feito.

Por isso aí t'as mando, sem as ler,  
E jámais umas cartas de mulher  
Me calaram tão bem, dentro do peito!  
Mas... há tanto tempo já...  
E não há,  
Dentro em mim,  
Nem a sombra tristonha da saúde,  
Nem do ciúme a lenta crueldade  
Do passado, bem morto, entre nós dois!

Se eu nunca tive um pensamento ruim!  
Como é que queres que me vá lembrar,  
Se só o Mal consegue em nós vincar?

Depois . . .  
Tu eras boa, eras minha amiga,  
E vens chamar-me agora um inimigo?  
Eu,  
Um inimigo teu?!  
Espanto,  
E no entanto,  
Pergunto se esqueceste o proceder  
Que p'ra contigo usei?  
Acredito: é mui facil o esquecer,  
Principalmente  
Se a gente,  
Numa boa acção  
Faz a vontade ao coração,  
E, em vez do Mal, vos dá o Bem.

Portanto não há Odio. Mas Desdêm?  
Será?  
Have-lo-ha?  
Ao certo não o sei.  
Inimigo não sou, tenho a certeza.  
Acredita que, às vezes, na saúde

Tenho-te alguma amizade  
Porque em caminhos diversos,  
Não passamos de meros desgraçados.

Olha, vê: eu  
Sou quasi ateu,  
Vivo sem Lei, sem Fé, na Escuridade  
Do meu ser, que perdeu a mocidade,  
E tenho por mau fado fazer versos.

Tu... és nova, mas tens chorado tanto!  
Os enganos que em ti já têm passado  
Têm-te feito correr amargo pranto,  
E tanto...

Que até mesmo de mais ele seria  
—Se eu fôsse algoz—  
P'ra uma doida alegria,  
Uma alegria feroz!

Mas... crê, que não te odeio e até lamento,  
Que o coração que tens dentro do seio  
Tivesse por destino—o Sofrimento...

LIVRO  
IV

**VERSOS VAGOS**

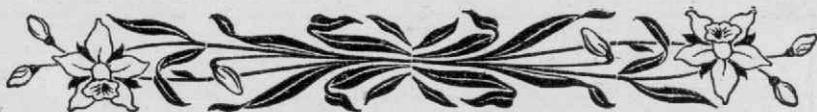
bibRIA

*Ao Mar*

**bibRIA**

10/10.0A

**bibRIA**



## Ao Mar

O' Mar!... O' vasto Mar, meu confidente!  
Não acordes minh'alma tão doente!

Não fales alto, fala mais baixinho,  
P'ra que eu durma sereno... de mansinho...

Não fales alto, deixa-me sonhar  
Como outr'óra, ao regaço, a dormirar—

Do meu Amor, a olhar-te com Saúde:  
... Como vai perto a morta mocidade!

Já te não lembras, Mar! ó meu Amigo  
Da aliança jurada, a sós, comigo?

Recorda: foi além nos teus rochedos,  
Que — da alma — te disse os meus segredos. . .

. . . Ah! quem me dera, então, ser marinheiro,  
E ao murmurar das brisas, num veleiro

Vogar nas tuas ondas — grande Mar! . . .  
E sob as noites brancas de Luar

Quando êsse pranto, augusto, das estrelas  
Cai do Céu. . . desfraldar as brancas velas  
Numa Ilusão — à barca da Quimera. . .  
... Velas da alma... ao Luar... ai quem me dera...

Não tens saüdades, Mar! do teu amigo?  
Eu. . . tenho tantas! . . . tantas! . . . e maldigo

O Destino cruel que me afastou  
Das tuas verdes águas onde eu vou

Quando o Sol vai, além, quasi a morrer,  
Junto a elas meus males esquecer. . .

Meu velho Mar! quanto eu te quero bem!  
Ao escutar-te... eu lembro a minha Mãe,

Essa velhinha santa, lá na aldeia,  
A contar-me ao Luar da Lua-cheia

—Ouvindo as tuas lentas desgarradas,  
Histórias de princezas encantadas

Que dobavam, às noites, pelos montes  
Cantando ao desafio com as fontes...

Já vai há tanto tempo!... e o recordar  
E' balsamo que doe; faz-nos chorar...

Mas numa tarde — Outono — p'lo Poente,  
Falei-te em tudo, fiz-te confidente,

Dos sonhos, de ilusões, dos meus amores  
Que nesse mês morreram com as flores...

E desde então, se escuto as tuas ondas,  
Assaltam-me as saüdades como rondas

Que me trazem ao peito as minhas maguas,  
Qual melodia irmã das tuas aguas...

Porisso fala baixo, mais baixinho,  
P'ra que eu durma sereno... de mansinho,

E não venhas, suplico! despertar  
A vida da minh'alma — que é o Sonhar.

Não lhe lembres a morta Mocidade,  
Oh!... não lh'A lembres, não! tem piedade  
O' Mar! ó vasto mar meu confidente:  
Deixa-a dormir... Sonhar... que é uma doente...



O Cravo  
Vermelho

bibRIA

bibRIA



## O cravo vermelho

Aquele cravo, rubro, que me deste,  
Que eu guardo, ávidamente, a cada instante  
Vem falar-me baixinho... palpitante,  
Nos segredos que a medo lhe disseste.

E diz assim, em voz quasi celeste,  
O Cravo triste, lindo, agonizante :  
— Eu vou morrer... porisso, escuta êste  
Segrêdo, que me deu a tua Amante :

Meditava sentada no jardim ;  
Os seus olhos vieram até mim  
E disse : — Vem p'ra o meu seio. — Cortou-me — .

Hás-de levar-lhe, ao dêle, o meu calor,  
E dir-lhe-hás, mui baixinho, o meu Amor  
Que vai dos lábios meus... — Depois... beijou-me.

bib**RIA**



Tardinha

bibRIA

bibRIA



## Tardinha

Desmaia o Sol, a Sombra vem descendo,  
As raparigas passam a cantar...  
Não tarda a Noite, Amor, e eu vou sofrendo  
Saüdades dos teus beijos ao Luar.

Sumiu-se o Sol! a Tarde vai morrendo,  
E as trindades, ao longe, a revoar,  
São lágrimas que o bronze está vertendo  
Num grande adeus, p'ra mim, a soluçar.

Quando eu morrer... ó Sinos! às Tardinhas  
Rezai por mim, as vossas ladainhas,  
Num eco longo, fundo e maguado...

Dobrai manso num dobre penitente,  
Dizei ás fontes que eu parti contente  
No manto da Saúde amortalhado...

bib**R**IA



Longes

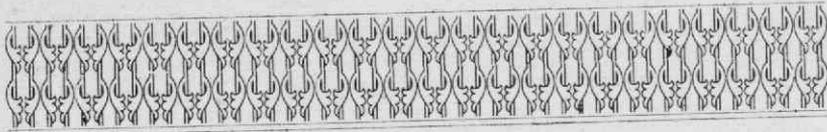
De

Quimera

**bibRIA**

== A MINHA MÃE ==

**bibRIA**



## Longes de Quimera

= FRAGMENTOS =

bibRIA

Longe do Mar que me embalava o sono,  
No meio destes montes escabrosos,  
Sinto-me só, mais só, num abandono  
Que me humedece os olhos—de chorosos.

Longe da Terra linda, onde eu nasci,  
Onde brincava, alegre, p'los caminhos  
Nesse tempo feliz em que vivi  
Como vivem no campo os passarinhos;

Longe do ribeirinho que cantava  
Mais as cachopas, sempre ao desafio,  
A' hora em que no Mar o Sol tombava  
Aguarelando em oiro o Céu de Estio;

Longe do Lar, de tudo o que eu amei,  
Dos Meuz... de Ti... da minha linda aldeia,  
De vós—ó minha querida e Santa Mãe  
Que andais comigo sempre em vossa ideia;

Longe de tudo, que saüdades tenho?!  
Das Tardes... dos Poentes... das cantigas  
Que vindo, melancólicas, do engenho  
Contrastavam ao rir das raparigas!...

Ah! quem me dera ouvi-las 'inda agora  
Ao morrer da tardinha—p'los trigais,  
Quando o rio, baixinho, canta e chora  
Ao beijar—de corrida—os salgueirais!...

Podesse eu ir daqui!... Vem-me buscar  
O' minha Santa Mãe, estremecida:  
Se me visses, sózinho, a soluçar  
Com saüdades daí,—da nossa Vida—

Vinhas logo buscar o teu menino  
E leva-lo ao teu colo, como dantes  
O levavas—quando era pequenino—  
A contar-lhe a História dos Infantes...

Como 'inda agora me recordo dela  
Mais a da Toutinegra do Moinho  
Que contavas, às noites, na janela,  
Quando Luar nascia mui branquinho!...

Que saüdades eu tenho desse tempo  
Que já se foi p'ra nunca mais voltar...  
Recorda-lo—para quê?—se é um momento,  
Um momento cruel que faz chorar!...

Lembrar?—oh!... relembrar o que se esvai,  
O que passou,... morreu... e já não vem—  
Quando agora—Senhor!—lá vai, lá vai  
*Dormir* o teu menino—ó minha Mãe!...

Vem ampara-lo, Tu, contra o teu peito  
Tenho mêdo ao dormir na Terra fria.  
—Se as larvas são as mantas desse leite...  
E o Sol nunca lá vai—lá nunca é dia!...

bibRIA

Inda tão novo—Deus!—e a saber  
Que ninguém deste mal me vem salvar...  
Agora... é que aprecio o que é viver  
Na paz serena e augusta do meu lar.

.....

O' doida Mocidade! quando eu ia  
Em noites mist'riasas de Luar,  
De capa e de guitarra onde gemia  
As notas de minh'alma a soluçar;

Quando, às vezes, cantava pela rua  
 Ora alto, ora baixo, — numa reza  
 Canções em que o amor na voz se estua  
 Em vibrações de sonho, de tristeza;

Ou quando... oh! a Mocidade?... já lá vai...  
 Recorda-la é sofrer. O' raparigas! —  
 Cantai-me vós agora essas cantigas —  
 E a Deus rezai por mim... Rezai... Rezai...

.....  
 bibRIA

Minha Mãe, minha Mãe! meu doce amor:  
 Encosta-me ao teu seio, tenho frio.  
 Dá-me beijos — os teus beijos são calor —  
 Que eu tenho gêlo em mim, sou como um rio.

Vem amparar-me, encosta-me ao teu peito  
 Tenho mêdo ao dormir na Terra fria: —  
 — As larvas são as mantas desse leito,  
 E o sol nunca lá vai — lá nunca é dia...

# bibRIA



No.	256413
Data.	25/01/2001
Cota.	AV/RS-80

## CORRIGENDA

### ALGUMAS DAS PRINCIPAIS INFELICIDADES DA COMPOSIÇÃO

Na página 32, onde se lê: Deixai, Senhor...,  
deve ler-se:—Deixa, Senhor.

Na página 109, onde se lê: ...num riso, deve  
ler-se:—um riso.

Na página 115, onde se lê: são de, deve ler-se:  
são do.

Na página 140, onde lê: ...seu amor, deve ler-  
se:—meu amor.

E outras mais que o leitor acaba de corrigir.

Saudade—leia-se saudade onde fôr necessário.

Desta edição fez-se uma tiragem especial de 10 exemplares em papel coché, todos numerados e rubricados pelo autor.

# bibRIA

— DIREITOS RESERVADOS —

*Acabou de se imprimir este  
livro aos 20 dias do mês de  
Março do ano de 1924, nas  
oficinas da "Cip. Casa Mi-  
nerva, Ilhavo de Ulysses  
Ferreira Nação, que o im-  
primiu e editou. :- ::: :-:*